

Notas para a história da edição monárquica em Portugal (1910-1992)

[versão de 31.01.2024]

Os fundadores do Integralismo Lusitano confiaram as suas obras literárias, numa primeira fase, sobretudo a empresas como França Amado, Lumen, Ferin e Civilização. Não eram estas, no entanto, iniciativas editoriais de tendência monárquica, mas casas com catálogos diversificados e relações privilegiadas com uma tipografia (que se encarregava de compor e imprimir) e uma livraria (que servia como depositária de parte da tiragem e comercializava os livros).

O editor França Amado (Coimbra) publica, de José Hipólito Raposo, *Coimbra doutora* (1910), *Boa gente* (1911), *Livro de horas* (1913), *Sentido do humanismo* (1914), *Outro mundo* (1917) e *Ana Maria. Peça em um acto* (1918). De António Sardinha, publica *A Epopeia da Planície* (1915). De Luís de Almeida Braga publica *Pão alheio* (1916), *O culto da tradição* (1916) e *O mar tenebroso* (1918).

A Lumen¹ publica, de José Hipólito Raposo, *Caras e corações* (1921) e o romance *Seara nova* (1922). De António Sardinha, *Na Côte da Saudade* (1922), *Chuva da tarde* (1923) e *Ao ritmo da ampulheta* (1925).

A empresa Almeida, Miranda & Sousa (com sede na Rua dos Poiais de São Bento, 133-135, em Lisboa) publica, de António Sardinha, *O valor da raça. Introdução a uma campanha nacional*

¹ Existe uma relação entre a Lumen, ou Lumen – Empresa Internacional Editora (Lisboa, Porto e Coimbra), e a casa França Amado. Em algumas publicações, assim como em alguma correspondência, aparecem as duas marcas. O livreiro-editor Francisco França Amado trabalhou na oitocentista Livraria Orcel, também coimbrã, e deu-lhe continuidade com a sua casa comercial. Para aprofundar este assunto, há que consultar os estudos de José Pinto Loureiro sobre as livrarias de Coimbra e os de Aníbal Pinto de Castro baseados na correspondência de França Amado.

(1915). Publica ainda o volume *A Questão ibérica* (1916), com as conferências da Liga Naval Portuguesa, incluindo a de António Sardinha, sobre «O território e a raça».

A Livraria Ferin (Lisboa) publica, de José Adriano Pequito Rebelo, *Novos métodos de cultura. O método integral* (1919) e *Cartilha do lavrador: integralismo lusitano* (1921). De António Sardinha, *Quando as nascentes despertam...* (1921). E, de José Hipólito Raposo, *Dois nacionalismos: l'Action Française e o Integralismo Lusitano* (1929). Depois da morte de António Sardinha, voltará a publicar obras suas: *À sombra dos pórticos: novos ensaios* (1927), *Purgatório das ideias: ensaios de crítica* (1929), *De vita et moribus: casos & almas* (1931) e *A prol do comum: doutrina e história* (1934).²

A Civilização, de Américo Fraga Lames & Cia., com sede no Porto, publica, de António Sardinha, *A aliança peninsular: antecedentes & possibilidades*, com prefácio de Gabriel Maura (1924, reedição em 1930). Também de António Sardinha, mas já postumamente, publica *Processo dum rei* (1937) e *Pequena casa lusitana* (1937). De Hipólito Raposo, publica *Pedras para o templo* (1933), *Areias de Portugal: em que se contam alguns cativeiros de almas e outros casos de África* (1935, reedição em 1947), *Aula régia* (1936), *Pátria morena* (1937) e *Amar e servir* (1940). E de Luís de Almeida Braga publica *Paixão e graça da terra* (1932).³

A Portugália (Lisboa) publica, de Luís de Almeida Braga, *O significado nacional da obra de Camilo* (1923); e de António Sardinha, *Ao princípio era o Verbo* (1924). Três décadas mais tarde, volta a publicar um livro de Almeida Braga, *Nuvens sobre o deserto* (1954).

A Livraria Universal (Lisboa) publica, de António Sardinha, *Na feira dos mitos. Ideias & Factos* (1926) e *Durante a fogueira. Páginas da Guerra* (1927).

² A Ferin, que esteve aberta até 2023 na Rua Nova do Almada, 72, em Lisboa, teve origem em 1840 no gabinete de leitura fundado pelas irmãs Maria Teresa e Gertrudes Ferin. Cf. Fernando Guedes, *O livro e a leitura em Portugal. Subsídios para a sua história, séculos XVIII e XIX*, Lisboa, Verbo, 1987.

³ Com origens na tipografia fundada em 1881 por João Alves Fraga Lames, a casa editorial Civilização existiu até 2014.

A Livraria Cruz (Braga) publica dois opúsculos de Luís de Almeida Braga, *Ao serviço da terra* (1930) e *Grandezas e misérias do Bom Jesus do Monte* (1940).⁴

Entretanto, vão aparecendo ao longo do século XX sucessivos projectos editoriais com uma linha claramente monárquica. Apresentamos seguidamente uma relação provisória e não exaustiva.

EDITORIAL RESTAURAÇÃO

‘Restauração’ é nome óbvio para uma iniciativa monárquica num regime republicano. Entre 1918 e 1920 surge, em Setúbal, *A Restauração*, quinzenário monárquico-integralista, tendo Augusto da Costa⁵ como director e como editor e redactor principal M. d’Anunciada Soares. Em 1921 publica-se em Lisboa *A Restauração*, diário monárquico da manhã, de que é editor Fausto Vilar e redactor principal Aprígio Mafra.⁶ De Junho de 1921 a Abril de 1924 publica-se o semanário *Restauração*, de que é director e editor Luiz Vieira de Castro.⁷

Falta apurar se existe uma relação directa entre estas três publicações periódicas; ou de alguma destas com a **Editorial Restauração** que, em **1940**, dá à estampa um livro de Alberto Monsaraz, *A verdade monárquica* (e suas reedições, em 1950 e 1958); e, em **1943**, uma obra de Edgar Prestage, *Descobrimientos portugueses*.

Anos mais tarde, em 17 de Julho de **1957**, é constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada com a denominação Editorial Restauração, S.A.R.L., com capital social de 1.500.000 escudos e sede na Rua da Rosa, 252, 1.º, em Lisboa. Conhecemos os nomes

⁴ A Livraria Cruz, com sede na Rua D. Diogo de Sousa, em Braga, foi fundada em 1888 por José António da Cruz (1859-1942) e permaneceu aberta até 1996.

⁵ Jesino Augusto da Costa (Setúbal, 1899 - Lisboa, 1954).

⁶ Francisco Aprígio Mafra (1887-1953).

⁷ Luís Lopes Vieira de Castro (Funchal, 1898 - Lisboa, 1954).

de alguns sócios fundadores, pois são provisoriamente nomeados como administradores, até à realização da primeira assembleia geral. São eles: António Coelho de Sousa Machado, António Jacinto Ferreira, António Augusto Amaral de Figueiredo, Henrique José Barrilaro Fernandes Ruas, e José de Castro Falcão de Albergaria Corte-Real.⁸

É esta Editorial Restauração que retoma a reedição de obras de António Sardinha: em **1959**, *Ao princípio era o Verbo*; em **1960**, *A epopeia da planície*; em **1961**, *À sombra dos pórticos*. Ainda em 1961, é editado outro livro: *Uma campanha parlamentar: em prol dos direitos de Deus e das instituições tradicionais*.

É também esta empresa que asumirá a edição do jornal *O Debate*, dirigido por A. Jacinto Ferreira. Aparentemente, a edição de livros interrompe-se durante vários anos, sendo retomada entre 1969 e 1974, com diferente orientação editorial.

EDIÇÕES GAMA

O nome ‘GAMA’, que imediatamente evoca o grande navegador português, é acrónimo do Grupo de Acção Monárquica Autónoma, fundado por volta de 1940 e com actividade – não apenas editorial – ao longo dessa década.⁹ No domínio editorial, publicou o boletim *Aléo* e cerca de duas dezenas de livros, alguns destes sob a designação ‘Cadernos Políticos’.

Não foi possível apurar a data da constituição de Edições GAMA como empresa, mas sabemos que antes de 14 de Janeiro de 1947 tinha oito sócios: Fernando Alberto da Silva Amado, Artur Eugénio Gouveia de Carvalho, Leão Ramos Ascensão, José Augusto de Macedo Campos e

⁸ O capital social seria reduzido para 150.000 escudos em 1964, reforçado para 200.000 escudos em 1966, e de novo aumentado para 1.000.000 em 1970. Os dados que reproduzimos neste parágrafo foram recolhidos no *Diário do Governo*, onde também se pode ler que, em 1966, entre os sócios da empresa, estava um integralista da primeira hora, como José Adriano Pequito Rebelo.

⁹ Cf. António Seabra, *O meu tempo*, Lisboa, 1989, pp. 206-209.

Sousa, António José Seabra, José Centeno Castanho, António de Queirós Vasconcelos e Lencastre, e Francisco de Sousa Botelho de Albuquerque. Naquela data, mediante aumento de capital, entraram na sociedade: Carlos Augusto Farinha, José de Arrochela Pinto de Lencastre Ferrão, António Francisco Machado Ferreira de Carvalho e Silva, Vasco Maria Eugénio de Almeida, José Luís Fevereiro, Tipografia Portuguesa, Lda., Miguel de Noronha de Paiva Couceiro, António Jacinto Ferreira, e Caetano Beirão.¹⁰ A sociedade foi dissolvida em Maio de 1949. Nessa data, a sede social era na Rua do Loreto, n.º 42, 1.º, em Lisboa.

A actividade editorial inicia-se (e prossegue) com edições (ou reedições) de obras dos primeiros Integralistas: em **1941**, de António Sardinha, *Ao Princípio era o Verbo*; e, de Hipólito Raposo, *Lagoa Escura*. Em **1942**, de António Sardinha, *Glossário dos Tempos*, e também *Na Feira dos Mitos*; de Luís de Almeida Braga, *Sob o Pendão Real*; e de Rolão Preto, *Para além da Guerra*. Em **1943**, de Luís de Almeida Braga, *Posição de António Sardinha*. Em **1944**, de António Sardinha, nova edição de *À Lareira de Castela*; e, de Hipólito Raposo, *Insurreição da Carne*. Em **1945**, de Hipólito Raposo, *Folhas do meu cadastro*, volume I (1911-1925); e, de Pequito Rebelo, *O aspecto espiritual da aliança inglesa*, artigos publicados no jornal *Novidades* durante os anos de 1943 e 1944. Em **1947**, de Hipólito Raposo, *Modos de Ver*.

São publicados livros da seguinte geração de Integralistas, como, em **1944**, *No Saguão do Liberalismo*, de Fernando Campos; ou de figuras afins, como, no mesmo ano, *Profissão de Fé*, de Henrique de Paiva Couceiro.

A nova geração – a do Grupo de Acção Monárquica Autónoma – também publica as suas obras: em **1943** saem *O Integralismo Lusitano*, de Leão Ramos Ascensão; e *Estrada Real*, de Fernando Amado. Em **1944**, *Claro Dilema (Monarquia ou República)*, de Mário Saraiva. Em **1949**, de Manuel de Bettencourt e Galvão, *Ao Serviço d'El-Rei*, com prefácio de Hipólito Raposo.

¹⁰ O capital social foi aumentado de 5.000 para 90.000 escudos. Sobre a respectiva distribuição, cf. *Diário do Governo*, n.º 21, III Série, de 25.01.1947, pp. 195-196. A sociedade Tipografia Portuguesa, Limitada, foi constituída em Novembro de 1944 por José Centeno Castanho, Domingos Ferraz de Carvalho Megre, e Rogério Rodrigues da Silveira.

Além disso, são editadas duas traduções: em **1941**, *Cartas a um céptico sobre as formas de governo*, do espanhol José María Péman; em **1947**, *Monarquia*, do inglês Charles Petrie.

Finalmente, merece destaque a série «Clássicos do Pensamento Político Português». Em **1943** publica *Abecedário real*, do frade beneditino João dos Prazeres (1648-1709), com um estudo de Luís de Almeida Braga; e *Dissertação a favor da monarquia*,¹¹ do Marquês de Penalva, com prefácio de Caetano Beirão. Em **1945**, de Sebastião César de Menezes (c.1600-1672), que foi bispo do Porto e de Coimbra, *Suma política*, com um estudo de Rodrigues Cavalheiro. E em **1946**, do frade franciscano Jacinto de Deus (1612-1681), *Braquiologia de príncipes*, com um estudo de Hipólito Raposo.

PRO DOMO

A Empresa Editora Pro Domo, Limitada, foi constituída em Lisboa, no dia 22 de Maio de 1944, tendo como sócios Alberto de Monsaraz, António de Sèves, Américo Chaves de Almeida, Fernando Henrique de Avelar e José Rino de Avelar Fróis (com capital social de 10 mil escudos, em cinco quotas iguais). Em Abril de 1945 deu-se um aumento de capital (para 40 mil escudos), com a entrada de Afonso Lucas, que ficou com 75% do capital. A sede inicial foi na Rua Conde de Redondo, 121, 1.º Dto., de onde foi transferida para a Rua da Atalaia, 18, 1.º Esq. Foram gerentes da empresa Américo Chaves de Almeida e Francisco Manuel do Canto Lucas.¹²

No ano fundacional, **1944**, terão sido editados sete livros. Obras de D. Jerónimo Osório (1506-1580), *Da Instituição real e sua disciplina*, com prefácio de Luís de Almeida Braga; e António Joaquim de Gouveia Pinto (1777-1833), *Os caracteres da monarquia*, com prefácio de Fernando de Aguiar. Livros da autoria de dois sócios da editora: Américo Chaves de Almeida, *Da unidade nacional*; e António de Sèves, *A revolução francesa e as suas consequências*:

¹¹ Fernando Teles da Silva Caminha e Menezes (1754-1818), 3.º Marquês de Penalva. A edição original da *Dissertação a favor da monarquia* é de 1799.

¹² Os dados que reproduzimos neste parágrafo foram recolhidos no *Diário do Governo*.

conferência. Finalmente, um livro do padre Miguel de Oliveira, *Ourique em Espanha: nova solução de um velho problema*; outro de Carlos Selvagem, *O problema das elites no mundo moderno*; e umas lições de Inocêncio Galvão Teles, *Arrendamento*, compiladas por Bento Garcia Domingues e Manuel A. Ribeiro.

O ano de 1945 foi de intensa actividade editorial: duas dezenas de publicações. Continuam a sair obras de pensamento político português de autores antigos: de José da Gama e Castro (1795-1873), *O novo príncipe ou o espírito dos governos monárquicos*; do Marquês de Penalva,¹³ *Dissertação sobre as obrigações do vassalo*. Um dos sócios da casa editora, Alberto de Monsaraz, publica *Altura solar: marcando posição*. São publicados outros monárquicos portugueses com origens no Integralismo Lusitano: Francisco Rolão Preto, *A traição burguesa*; João Ameal, *Um apóstolo na tormenta*; José Augusto Vaz Pinto, *A chave da história de Portugal*; Dutra Faria, *San Francisco e o problema da paz*. Publicam-se também livros de três brasileiros: do integralista Plínio Salgado, *O rei dos reis: mensagem ao mundo lusíada*, com prefácio de João Ameal; do padre Leonel Franca, *A psicologia da fé*; e de um estudioso da literatura, Francisco da Silveira Bueno, *O auto das regateiras de Lisboa: composto por hum frade loyo de hũa dellas*. Publica dois livros do tradicionalista espanhol Francisco Elías de Tejada Spínola: *As ideias políticas de Gil Vicente*, com tradução de Manoel de Bettencourt e Galvão; e *A sátira política em Portugal durante o século XV*. O padre J. da Costa Lima publica *A democracia no pensamento de Sua Santidade Pio XII*; José Sebastião da Silva Dias traduz e prefacia o *Código social de Malines*, do Cardeal Mercier; e o padre Dinis da Luz publica *Grandeza e miséria: episódios e factos da vida dos grandes homens*. São ainda publicados José D. Garcia Domingues, *História luso-árabe: episódios e figuras meridionais*; Duarte Nunes de Leão, *Origem da língua portuguesa*, com um estudo preliminar e anotações de José Pedro Machado; e, com tradução, prefácio e notas de José Pedro Machado, um romance histórico de David-Léon Cahun, *Aventuras de um guerreiro mongol: a bandeira azul*. Finalmente, são

¹³ Trata-se de Fernando Teles da Silva Caminha e Menezes (1754-1818), 3.º Marquês de Penalva, autor da já citada *Dissertação a favor da monarquia*.

publicados os livros *Estudante bargante*, de Albino Rodrigues de Sousa; e *Cartas de um português*, de Alberto da Cunha Dias.

Nos anos seguintes, a actividade reduz-se drasticamente.

Em **1946** está muito presente o Brasil, com o integralista Plínio Salgado, *Madrugada de espírito*; o padre Leonel Franca, *O divórcio*; e *A Amazónia no fabulário e na arte*, de Gastão de Bettencourt. Do ano de **1947** temos notícia de dois livros: *O Amboim*, de Carlos Carneiro, e *Estudos em três línguas*, de Elza Paxeco. De **1948**, outros dois: *Paiva Couceiro: aspectos africanos da sua vida*, de Alberto de Almeida Teixeira; e *O Cardeal Cerejeira: Patriarca de Lisboa*, do padre Moreira das Neves. Em **1949**, nada se publica, aparentemente. Em **1950**, Telo da Vide publica *Temas de moral corporativa*. E em **1964** (ou seja, três lustros depois), aparece a última publicação de que temos notícia: *Bases da nova ortografia*, com prefácio e notas de José Pedro Machado.

CIDADE NOVA

Em **1949** começa a publicar-se *Cidade Nova, Revista de Cultura*, com direcção de José Carlos Amado. Participaram na fundação quinze pessoas: para além de José Carlos Amado, Henrique Barrilaro Ruas, Luís Sampaio, Fernão Pacheco de Castro, Eduardo Soveral, José Augusto da Conceição, Rui Morna, João Nuno Serras Pereira, Nuno Vaz Pinto, Fernão Vaz Pinto, Afonso Botelho, Gastão Cunha Ferreira, João Camossa Saldanha, Jorge Couto e António Seabra.¹⁴ A Cidade Nova também publicará livros: em **1954**, de Afonso Botelho, *Estética e enigmática dos painéis*; em **1955**, também de Afonso Botelho, *O drama do universitário*; em **1956**, de António Quadros, *A angústia do nosso tempo e a crise da universidade: ensaios*; e em **1957**, de Henrique Barrilaro Ruas, *A moeda, o Homem e Deus*.

¹⁴ Segundo António Seabra, *O meu tempo*, Lisboa, 1988, p. 215.

BIBLIOTECA DO PENSAMENTO POLÍTICO

A Biblioteca do Pensamento Político é uma iniciativa editorial de Mário Saraiva,¹⁵ médico e doutrinador monárquico, na esteira do Integralismo Lusitano.

Os primeiros Integralistas têm, naturalmente, lugar relevante na Biblioteca do Pensamento Político: em **1969** publica *Espada ao sol*, de Luís de Almeida Braga; em **1972**, reedita *A aliança peninsular*, de António Sardinha; no mesmo ano, publica *Respiração mental: o problema da censura*, de Alberto Monsaraz. Em **1974** reedita, uma vez mais, *A aliança peninsular*, de António Sardinha; e, do mesmo autor, em **1975**, *A teoria das Côrtes Gerais*, e, em **1978**, *Ao ritmo da ampulheta*.

Entre os Integralistas da geração da Cidade Nova, a Biblioteca do Pensamento Político publica, em **1971**, dois livros de Henrique Barrilaro Ruas, *A liberdade e o rei* e *Os monárquicos e o Ultramar, à maneira de Livro Branco*; dois livros póstumos de José Fernando Rivera Martins de Carvalho (1926-1964), *O pensamento Integralista perante o Estado Novo* e *Diário político e outras páginas*; e um livro do próprio Mário Saraiva, *A verdade e a mentira: algumas notas em resposta a 'O Integralismo e a República' de Carlos Ferrão*. Também de Mário Saraiva publicará, em **1976**, *Às portas da cidade: crítica e doutrina*.

Outras obras e autores publicados são os seguintes: em **1970**, *Estratégia estrutural portuguesa*, de Silvino Silvério Marques.¹⁶ Em **1971**, *Marcuse ou o colapso de duas ideologias*, de António de Faria e Maya. Em **1972**, *Capitães dos donatários: 1439-1766*, do historiador açoreano Francisco Machado de Faria e Maia. Em **1973**, *No debate das ideias*, de Jacinto Ferreira; e *Para uma sociologia da monarquia portuguesa*, de António Crespo Simões de Carvalho. Em **1974**, *Portugal e África no mundo de hoje*, de Otão de Habsburgo; e a colectânea *António Sardinha e o Iberismo*. Em **1975**, *Carta aos muçulmanos de Moçambique independente*, de Fernando

¹⁵ Mário António Caldas de Melo Saraiva (Guimarães, 1910 - Vilar, Cadaval, 1998).

¹⁶ O general Silvino Silvério Marques (1918-2013) era cunhado de Mário Saraiva.

Amaro Monteiro. Em **1982**, *D. Sebastião e eu*, de Teresa Maria Raposo Martins de Carvalho, com prefácio de Henrique Barrilaro Ruas. O último livro publicado pela Biblioteca do Pensamento Político é, em **1988**, *Portugal em baixo ou em cima?*, de Gastão da Cunha Ferreira.

EDIÇÕES CULTURA MONÁRQUICA

As Edições Cultura Monárquica são, à semelhança da Biblioteca do Pensamento Político, uma iniciativa protagonizada por Mário Saraiva. No dia 23 de Janeiro de 1989 reuniram-se em Lisboa, num andar da Rua Morais Soares, os fundadores de uma nova cooperativa, denominada Renovação – Edições de Cultura Monárquica, C.R.L. Estavam presentes os seguintes membros fundadores: António Jacinto Ferreira, João Augusto Morais Taborda, Fernando Coutinho da Silveira Ramos, Mário António Caldas de Melo Saraiva, António Manuel Couto Viana, Américo Nobre da Silva, Gonçalo Teotónio Pereira de Sampaio e Melo, José Pereira Duarte, Vasco Rodrigues de Pinho Leónidas, António Maria Pinheiro Torres, Luís Maria Malheiro Leitão de Azevedo, José Ferreira Martins dos Santos, e Rodrigo Jorge Moctezuma Seabra Pinto Leite. Foram ainda considerados fundadores: Armando de Oliveira Duarte, Fernando Casimiro Saragoça Nobre Biscaya, Manuel Gregório Lopes da Silva, Marco António do Nascimento Monteiro de Oliveira, e Rui Coelho de Mendonça. O capital da cooperativa foi estabelecido em 120.000 escudos.¹⁷

Os primeiros livros editados são anteriores à constituição da cooperativa. Temos notícia da publicação dos seguintes livros: em **1987**, de Jacinto Ferreira, *Poder local e corpos intermédios*; e, de Mário Saraiva, *Sob o nevoeiro: ideias e figuras*. Em **1988**, de António Manuel Couto Viana, *Estado estacionário*. Em **1990**, de Afonso Botelho, *O poder real*. Em **1991**, de Jacinto Ferreira, *Integralismo Lusitano: uma doutrina política de ideias novas*. E em **1992**, de Mário Saraiva, *Em tempo de mudança*.

¹⁷ Cf. *Diário da República*, n.º 49, III Série, de 28.02.1989, pp. 3729-3731.

*

Estudo à parte merecem os livros de cariz monárquico nos catálogos de editoras portuguesas generalistas, ou em edições de autor, ou em recolhas ocasionais de comunicações apresentadas em colóquios.

Entre as primeiras há que destacar a *Antologia Poética* de António Sardinha, publicada por Guimarães Editores (Lisboa) em 1960, e da responsabilidade de Amândio César & Francisco da Cunha Leão.¹⁸

Entre as últimas, importa recordar importantes obras de autoria colectiva, como, nos primeiros anos sessenta, as correspondentes às duas primeiras Semanas de Estudos Doutrinários,¹⁹ com os respectivos ‘discursos, teses e intervenções’: *I Semana de Estudos Doutrinários* (com prefácio de Arnaldo Miranda Barbosa, comentários de Henrique Barrilaro Ruas e organização de Augusto de Moraes Sarmiento, Lisboa, 1960) e *II Semana de Estudos Doutrinários* (com prefácio de Guilherme Braga da Cruz e introdução de Arnaldo de Miranda e Barbosa, Coimbra, 1961); e, finalmente, em meados dos anos oitenta, *Estudos sobre a monarquia. Conferências no Grémio Literário* (volume organizado por Gonçalo Sampaio e Melo, Benedita Ameal & António Assis Teixeira, Cascais, Tip. Cardim, 1984).

[M.V.C.]

¹⁸ Francisco José Corrêa da Cunha Leão (Paredes, Penafiel, 1907 - Lisboa, 1974) foi membro da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano e colaborou em publicações periódicas integralistas como *Política* e *Aléo*. Dirigiu o *Diário Popular* (1953-1958) e a Agência Geral do Ultramar (desde 1967) e foi autor de livros como *O enigma português* (1960). A casa editora Guimarães & Cia., fundada pelo republicano Delfim Guimarães (1872-1933), foi dirigida durante décadas por sua filha Maria Leonor, mulher de Francisco Cunha Leão.

¹⁹ Uma III Semana de Estudos Doutrinários teve lugar em Coimbra, de 13 a 16 de Abril de 1961, mas os respectivos ‘discursos, teses e intervenções’ não chegaram a ser publicados em livro.